

A DIMENSÃO MAQUÍNICA DO INCONSCIENTE EM FREUD

THE MACHINIC DIMENSION OF THE UNCONSCIOUS IN FREUD

LA DIMENSIÓN MAQUÍNICA DEL INCONSCIENTE EN FREUD

Luciano Mattuella¹

Resumo: O presente artigo busca explicitar o que chamamos de dimensão maquina do inconsciente em Freud. Trata-se, entretanto, de uma máquina cujo funcionamento encontra limites e vacilações, pontos de insolubilidade que, segundo nossa hipótese, tornam evidente a tensa filiação freudiana aos ideais positivistas e mecanicistas dos quais é herdeiro. Ainda que fundamentalmente atravessado pelo discurso da ciência clássica, vemos em Freud um pensador o tempo todo questionado pelo singular de sua clínica, por aquilo que individualiza o funcionamento da máquina-inconsciente. Ao final, destacamos a noção de *tragédia* e a aproximamos do conceito de *pulsão* de forma a propor que o pulsional se manifesta tragicamente como a insistência do maquina na vida cotidiana.

Palavras-chave: Inconsciente. Máquina. Tragédia. Pulsão.

Abstract: This article aims to elucidate what we call the machinic dimension of the unconscious in Freud. However, it is a machine whose functioning encounters limits and oscillations, points of unsolvability that, according to our hypothesis, make evident the tense Freudian affiliation with the positivist and the mechanistic ideals he inherits. Although fundamentally influenced by the discourse of classical science, we see Freud as a thinker constantly questioned by the singularity of his clinic, by what individualizes the functioning of the unconscious machine. In the end, we highlight the notion of tragedy and associate it with the concept of drive to propose that the drive manifests tragically as the insistence of the machinic in everyday life.

Keywords: Unconscious. Machine. Tragedy. Drive.

Resumen: Este artículo busca explicitar lo que llamamos la dimensión maquina del inconsciente en Freud. Sin embargo, se trata de una máquina cuyo funcionamiento encuentra límites y vacilaciones, puntos de insolubilidad que, según nuestra hipótesis, hacen evidente la tensa filiación freudiana a los ideales positivistas y mecanicistas de los cuales es heredero. Aunque fundamentalmente atravesado por el discurso de la ciencia clásica, vemos en Freud a un pensador constantemente cuestionado por la singularidad de su clínica, por aquello que individualiza el funcionamiento de la máquina inconsciente. Al final,

¹ Luciano Mattuella é psicanalista, membro da APPOA, mestre e doutor em Filosofia (PUCRS/ Université de Strasbourg). Realizou pós-doutorado no PPG Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). É autor de *Os futuros do passado* (Editora Fi, 2017), *O corpo do analista* (Editora Artes & Ecos, 2020) e *Um itinerário íntimo pela psicanálise lacaniana* (Editora Zouk, 2022). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1309-9911>. E-mail: mattuella@gmail.com

destacamos la noción de tragedia y la aproximamos al concepto de pulsión para proponer que lo pulsional se manifiesta trágicamente como la insistencia de lo maquínico en la vida cotidiana.

Palabras clave: Inconsciente. Máquina. Tragedia. Pulsión.

“Minha programação de hoje aponta uma depressão autoacusatória de seis horas” (DICK, 2023, p. 16).

Logo após terminar o seu *Projeto para uma psicologia científica*, em 1895, Freud escreve a seu amigo e colega Fliess, afirmando que, neste seu trabalho, “tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser *uma máquina que logo funcionaria sozinha*” (MASSON, 1986, p. 147, grifo nosso). Ou seja, Freud acreditava ter encontrado no aparelho psíquico uma lógica de funcionamento maquinal, como se os processos mentais operassem com plena autonomia. Aliás, a própria analogia com um *aparelho* já diz muito sobre a forma como Freud via o psiquismo: uma máquina que recebe, trata e exterioriza uma energia por ele chamada de *libido*.

Herdeiro de uma verve cientificista e positivista bastante acentuada – basta lembrarmos que seu grande mestre, Charcot, procurava encontrar a origem dos distúrbios mentais em malformações cerebrais –, coube a Freud realizar um grande esforço para apropriar-se e, posteriormente, fazer uso crítico deste legado, nunca necessariamente superando-o completamente. Nas palavras de Bocca:

Lembro ao leitor que foi ao estagiar por seis anos no Instituto de Fisiologia de Brücke que Freud se familiarizou com a pesquisa científica articulando a física com a fisiologia. Mesmo na troca do instituto pelo hospital de Meynert, e mais tarde pelo de Charcot, manteve contato com uma fisiologia sustentada no princípio termodinâmico de *conservação da energia*. Sustentada também no monismo, compartilhado por J. F. Herbart, Helmholtz, entre outros (BOCCA, 2020, p. 376).

Profundamente inscrito no espírito do seu tempo, Freud compartilhava com a sua época a fantasia organizadora dos laços sociais, ou seja, fazia também ele a aposta no discurso científico como uma perspectiva de leitura do mundo. Tanto é assim que Freud se recusava a outorgar à psicanálise o estatuto de uma *cosmovisão*, afirmando que a sua disciplina se inscrevia na *Weltanschauung* da Ciência:

Enquanto ciência específica, um ramo da psicologia – uma psicologia da profundidade ou psicologia do inconsciente –, ela [a psicanálise] é totalmente inadequada para criar uma visão de mundo própria, deve aceitar aquela da ciência. Mas a visão de mundo científica já se distancia notavelmente da nossa definição. É verdade que ela também aceita o caráter *uno* da explicação do mundo, mas apenas como um programa cuja realização é adiada para o futuro (FREUD, 2010, p. 321).

Para o leitor contemporâneo, atento às discussões a respeito da cientificidade da psicanálise, esta pequena citação levanta vários pontos de tensionamento.

Um deles refere-se ao entendimento da psicanálise como um “ramo da

psicologia". Freud afirmava categoricamente que a psicanálise estava não só inscrita no campo psicológico amplo como também era uma *terapia*. Ou seja, a distinção rigorosa entre o que seria uma *análise*, em contraste com uma *psico-terapia*, coloca-se mais nos nossos tempos do que na época freudiana.

Um dos motivos disso tem a ver com a crescente aproximação de *científico* com *verdadeiro*, como se todo o campo da *verdade* estivesse inscrito na cosmovisão científica, restando às práticas ditas não científicas o estigma do *charlatanismo*. Ora, sabemos bem que a redução do mundo à leitura cientificista não se dá sem uma clara ingerência do discurso capitalista, na medida em que, não raro, a lógica científica se ocupa menos com o verdadeiro e mais com o *lucro* das grandes indústrias financiadoras de pesquisas, como é o caso das farmacêuticas, para citar apenas um exemplo.

Ao planificarmos a pluralidade epistemológica ao discurso científico único, também acabamos por silenciar as tantas variações hermenêuticas de leitura do humano, reduzindo – o que talvez até agradasse Freud – a subjetividade a parâmetros quantificáveis e baseados em evidência. Ponto de tensão, portanto: o mesmo Freud tão afeito às luzes do pensamento racional também propunha uma psicologia das “profundezas”, daquilo que não se apresenta na obviedade do dado empírico. Esta tensão não se deve a uma incoerência do criador da psicanálise, mas à hibridez própria do seu objeto de estudo, o inconsciente.

Ora, não demorou muito para Freud perceber que, ainda que “a coisa passara realmente a ser *uma máquina que logo funcionaria sozinha*”, os pacientes que escutava em sua clínica cotidiana testemunhavam que o inconsciente não operava assim de forma tão autônoma quanto a teoria esperaria. Que nem todo enigma do recalcado poderia ser traduzido para o idioma da racionalidade: sempre há algo no inconsciente que levanta um basta à interpretação. Este ponto de estancamento interpretativo é descrito por Freud logo em seu livro sobre os sonhos, ou seja, em uma obra dos primórdios da psicanálise:

Suspeito que a interpretação dessa parte ainda não avançou o bastante para revelar todo o seu sentido oculto. [...] Cada sonho tem pelo menos um ponto em que ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido (FREUD, 2019a, p. 143).

Aqui já vemos um Freud sensível não só aos limites de sua técnica, mas ao quanto o inconsciente, como objeto de atuação clínica e de pesquisa, recusa-se a ser todo ele concatenado tanto pela elaboração interpretativa quanto pelos anseios conceituais. É importante lembrar, neste contexto, de que a cosmovisão científica, à época de Freud, compactuava com as aspirações filosóficas de autores como Kant e Hegel, pensadores que apostavam fortemente na razão como órgão elucidador da realidade. Neste sentido, Freud também estava imerso em um contexto intelectual que supunha o *uno*, a unidade entre coisa e conceito, entre mundo e pensamento. O umbigo do sonho, neste sentido, não só aponta para o não interpretável da experiência do inconsciente, mas também para a inelutável distinção entre as categorias do pensamento e o mundo em sua não cumplicidade com o conceito.

Ainda assim, da mesma forma que o pensamento científico da época, Freud também era convocado pela *miragem do uno*, pela pressuposição de que não esbarrava com uma impossibilidade, mas com uma ainda insuficiência teórica. A passagem a seguir é elucidativa a este respeito:

Com frequência, até mesmo nos sonhos mais bem interpretados há um ponto que temos de deixar obscuro, por sua interpretação percebemos que ali há um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembalar, mas que também não contribuiu muito para o conteúdo do sonho. Esse, então, é o “umbigo” do sonho, o ponto em que ele assenta no desconhecido. Os pensamentos oníricos que encontramos na interpretação têm de permanecer geralmente inconclusos e ramificar em todas as direções na emaranhada rede do nosso mundo de pensamentos. O desejo do sonho surge então de um ponto mais denso desse tecido, como um cogumelo de seu micélio (FREUD, 2019a, p. 143).

Mais uma vez, Freud remete à ideia de que o sonho – em última instância, o *inconsciente* – “assenta no desconhecido”. Ainda que ansiado pela perspectiva cientificista e positivista de sua época por ver tudo, classificar tudo e racionalizar tudo, Freud ao fim e ao cabo sustenta a existência de não saber fundamental que não só diz de um limite, mas talvez mesmo de um fundamento de toda formação inconsciente. A oscilação é entre saber se este ponto é próprio do inconsciente ou se se apresentaria como uma insuficiência técnica por parte do clínico.

Neste sentido, podemos dizer que Freud relativiza o horizonte de *unidade* suposto pelo pensamento científico clássico: afinal, se nem toda formação inconsciente pode ser *totalmente* interpretada, então estamos frente a um fundamento múltiplo, há um enigma que seria inerente ao próprio inconsciente. Esta multiplicidade fundamental do psiquismo será uma das pedras de toque de Jacques Lacan em seu chamado “retorno a Freud”, sobremaneira quando trazidos à discussão conceitos como *real* e *sujeito*.²

De todo modo, ainda que não deixemos de sublinhar esta sensibilidade de Freud ao que não se reduz à interpretação e à elucidação conceitual, é impossível não ver em sua obra um pensador às voltas com a fantasia de “homem-máquina”, fantasia tão cara aos herdeiros do racionalismo e do positivismo moderno.

A possibilidade de elaboração desta *fantasia de base* passou, certamente, pelas horas a fio que Freud reservava para a escuta de seus pacientes, na singularidade do encontro entre a *teoria* de pretensão universalizante e o *singular* da vivência de cada um, esta singularidade sendo como a produção de um enigma na escuta, como abertura do campo não antecipável de uma cura psicanalítica.

Podemos afirmar, portanto, que por muitos anos, talvez mesmo até o final de sua vida, Freud teve de se sustentar entre dois polos divergentes: por um lado, tinha de prestar satisfação a um *corpus* de estudiosos e cientistas deslumbrados com o rigor do método científico; entretanto, por outro lado, era constantemente convocado pela fala de seus pacientes a repensar e desfazer diversas certezas a que havia chegado sobre o funcionamento do aparelho psíquico.

Esta tensa dupla filiação fez com que Freud tivesse que suportar o peso

²Trabalharemos a questão do maquínico em Lacan oportunamente em outros textos, mas por ora vale compartilhar com o leitor a hipótese de que enquanto Freud está preocupado em entender como a máquina do psiquismo *funciona*, Lacan, ao dar ênfase ao irrepresentável e ao não interpretável, aguça o seu olhar para quando a máquina *não funciona*. Neste sentido, o umbigo do sonho, que para Freud representa um *limite*, coloca-se para Lacan justamente como o ponto de partido para a criação do *novo*.

de um paradoxo complicado, uma vez que aos poucos foi-lhe sendo necessário perceber que a questão não poderia ser resumida nem a uma concepção – do universal da teoria – nem à outra – do particular da prática. E este é, na leitura do filósofo Slavoj Žižek, o grande espanto que a psicanálise ainda causa, pois, segundo ele:

O inconsciente freudiano causou tamanho escândalo não por afirmar que o self racional é subordinado ao muito mais vasto domínio dos instintos cegos irracionais, mas porque demonstrou como o próprio inconsciente obedece à sua própria gramática e lógica: o inconsciente fala e pensa. O inconsciente não é a preservação de impulsos selvagens que devem ser domados pelo ego, mas sim o lugar em que uma verdade traumática se diz (ŽIZEK, 2006, p. 3, tradução nossa).

Trata-se da chamada “ferida narcísica” que a teoria freudiana teria provocado nas certezas de onipotência do *eu racional* sobre o mundo, sustentáculo do projeto moderno. Freud destituiu a consciência – logo, o intelecto – da posição de legislador último sobre o mundo e explicita a *Spaltung*, a ruptura existente entre percepções conscientes e representações inconscientes. O assombro reside no fato de que possa haver uma outra lógica operando que não aquela do *logos*, da visibilidade máxima. A contraparte desta “ferida narcísica”, por sua vez, é justamente a sustentação da fantasia de um inconsciente-máquina. Uma máquina, entretanto, “bem singular”, pois funciona desfuncionando, como nos atos falhos, nos sonhos e nos chistes, por exemplo. Assim, o *ato falho* é, para a psicanálise, o mais bem-sucedido dos atos, pois explicita algo desta obscura lógica subjacente a todo ato proposital.

É importante salientar, entretanto, que a proposição de Freud é a de um inconsciente que causa espanto por explicitar uma *outra racionalidade*, e não por alguma dimensão *irracional*. Ou seja, Freud não evidencia um não racional do inconsciente, pelo contrário: ele justifica e teoriza as formações inconscientes como operando dentro de uma lógica também ela racional, ainda que mais refinada que a da consciência. Toda a sua produção teórica a respeito da formação e deformação dos sonhos nos dá testemunho disso – a figuração onírica obedece a regras bem definidas de deslocamento e condensação, por exemplo. O interesse de Freud está em elucidar a lógica cada vez mais complexa e refinada do inconsciente-máquina.

Este modo de entender o psiquismo é bastante mais complexo e convergente com o que vemos na clínica do que aquela forma ingênua que supõe o inconsciente como uma espécie de alçapão no qual se escondem os demônios da desrazão humana. É justamente com relação a esta dicotomia, já presente nos escritos de autores românticos, entre as luzes da razão e a escuridão das pulsões, que Freud dá um passo adiante. Aquele que entende o inconsciente como um depósito de impulsos irracionais é ingênuo na medida em que não percebe que, ao atribuir a qualificação de *lógico* apenas aos pensamentos conscientes, está justamente destituindo o inconsciente de sua capacidade de operar no mundo como um determinante de atos e escolhas.

Uma concepção forte da ideia de inconsciente leva em conta a *estupefação* que um ato realizado pode gerar em seu agente, fazendo com que este não se reconheça em sua produção: um ato que ultrapassa a intenção. O estilo da relação do *eu* com a sua casa é o de *estranhamento*, o que quer dizer que a posição do *eu* com relação ao inconsciente é a de um estrangeiro. Assim,

é interessante percebermos que o estranhamento produzido pelas formações inconscientes não se dá pela arbitrariedade das regras da casa, mas pelo seu excesso de coerência. É uma sensação semelhante àquela dos pacientes que, surpresos, veem-se às voltas com a insistência de certos atos e com a repetição de alguns cenários em suas vidas. A experiência empírica da repetição – “mesmo fazendo tudo diferente, acontece de novo a mesma situação” – é também, por assim dizer, a experiência estética do *trágico* que nos habita. É uma relação com o automático que produz estranhamento, com uma parte de nós que nos parece talvez menos humana e mais maquínica do que gostaríamos.

Temos esta sensação também quando rolamos um *feed* de rede social e nos deparamos com uma postagem patrocinada de algum produto sobre o qual há pouco falávamos. Mesmo já sabendo que os nossos smartphones nos “ouvem”, ainda assim temos uma sensação *estranha*, como se aquele aparelho acéfalo lesse os nossos pensamentos e nos oferecesse o que desejamos. Uma percepção por demais siderante de que o algoritmo talvez saiba mais sobre nós do que nós mesmos – o aparelho eletrônico que interpreta o nosso aparelho psíquico.

Em outros termos, podemos afirmar que a experiência do *estranho* nos diz algo sobre a nossa relação com essa “*máquina que logo funcionaria sozinha*” de que Freud fala:

Ernst Jentsch destacou como caso exemplar a “dúvida quanto a se um ser aparentemente vivo está inanimado e, ao contrário, se um objeto sem vida seria animado”, invocando, nesse caso, figura de cera, bonecas artificiais e autômatos. Ele enumera como infamiliars os ataques epiléticos e as manifestações de loucura, porque por meio deles se despertam no espectador ideias acerca dos processos automáticos-mecânicos que poderiam estar escondidos por trás das imagens costumeiras de seres inanimados (FREUD, 2019b, p. 49).

Chama atenção a remissão à loucura. Faz sentido, afinal, é na experiência da loucura que não só os psicóticos, mas também os neuróticos se defrontam com talvez o que de mais automático opera no psiquismo. Alienação de si a uma lógica outra, a loucura é também a dimensão do automatismo. Assim, podemos dizer que todos temos alguma relação com a loucura, na medida em que todos somos um tanto ciborgues, em que todos temos em nós um *aparelho* que produz efeitos à nossa revelia.

O exemplo citado acima, de vermos uma postagem patrocinada sobre algo que queremos comprar, é também uma mínima experiência de loucura. Muitas vezes, nestas situações, sentimos algo muito próximo da paranoia: o celular está “me escutando”, “estou sendo observado”, a rede social está dizendo algo “para mim”. Como se o mundo operasse de uma forma já determinada que nos coloca no centro das significações.

Ora, mas se também o inconsciente funciona sob uma lógica preestabelecida, mesmo que diferente daquela dos processos conscientes, como podemos afirmar que a teoria freudiana do aparato psíquico também não seja meramente mecanicista e universalizante? Não seria apenas uma questão de encontrar uma lógica inconsciente mais refinada do que uma lógica consciente? A resposta é aparentemente simples: *ao mesmo tempo em que o indivíduo está submetido à lógica inconsciente, ele também pode fazer-se autor desta lógica*, não de modo metafísico, como propunha Kant, mas sim no próprio mundo dos fenômenos. E

esta hipótese está intimamente ligada ao modo como Freud entende a relação do indivíduo com a sua história.

Na vigésima terceira de suas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, cujo tema é a formação dos sintomas e da neurose, Freud sustenta que um estado neurótico tem como causa uma *experiência casual* – logo, contingente – que precipita a operação de uma *predisposição*, sendo esta constituída pela pré-história do indivíduo, bem como pelas suas experiências de infância. Sobre estas *disposições*, Freud afirma que

são indubitavelmente efeitos secundários de experiências vividas pelos ancestrais no passado; também elas, em alguma ocasião, foram adquiridas. Sem essa aquisição, não haveria hereditariedade. E é concebível que uma aquisição dessa espécie, que conduz à herança, chegaria ao fim justamente na geração que estamos considerando? A importância das experiências infantis não deve ser totalmente negligenciada [...]; pelo contrário, as experiências infantis exigem uma consideração especial. Elas determinam as mais importantes consequências, porque ocorrem numa época de desenvolvimento incompleto e, por essa mesma razão, são capazes de ter efeitos traumáticos (FREUD, 1996, p. 422).

É esta *disposição* que atribui ao inconsciente a sua condição de “máquina”, mas é também porque se trata de uma história singular, de uma herança única, que podemos pensar que o inconsciente não se restringe a um funcionamento completamente alheio às particularidades históricas do indivíduo: são as histórias contadas pelos antepassados que sustentam para alguém um lugar na linhagem de uma família e que darão consistência à sua existência singular, a uma temporalidade da qual possa se apropriar.

Ao inscrever a criança em uma narrativa que a antecede, os pais permitem que o filho assuma genuinamente a posição de filho, ou seja, que seja também herdeiro de uma *cultura* que lhe servirá de referência e de espelho para a socialização. Com isso também legam ao seu filho a tragédia constitutiva do tecido familiar, uma narrativa que, se não lida e interpretada, corre o risco de assumir a dimensão de um destino inexorável.

A relação do indivíduo com a sua história é *trágica* na medida em que se trata da influência na própria vida de atos e decisões realizados por outros, inclusive por antepassados com quem sequer se teve contato. A nossa pré-história, a qual nunca vivemos, *antecipa* um lugar com o qual nos havemos durante toda a vida. Entretanto, a psicanálise se ocupa justamente da possibilidade de que esta história pregressa não seja um destino.

É justamente por colocar a palavra como ferramenta central do tratamento que a psicanálise pode produzir efeitos criativos na relação que temos com a nossa história – a interpretação, como ferramenta técnica, abre o passado para múltiplas leituras. A temporalidade está toda ela na linguagem. Afinal, como afirma Ricardo Piglia, tende-se a ver

a tragédia como um gênero que estabeleceu uma tensão entre o herói e a palavra dos deuses, do oráculo, dos mortos, uma palavra que vinha do outro lado que lhe era dirigida e que o sujeito não entendia. O herói escuta um discurso personalizado mas enigmático – é claro para os demais, porém ele não o compreende, ainda que em sua vida obedeça a esse discur-

so que não compreende. [...] A tragédia, como forma, é essa tensão entre uma palavra superior e um herói que tem com essa palavra uma relação pessoal (PIGLIA, 2004, p. 56).

Esta passagem de Piglia concerne diretamente o trabalho clínico, tendo em vista que pensamos a subjetivação justamente como a inscrição de alguém em um discurso que o antecede – as palavras dos deuses, do oráculo e dos mortos, como diz o autor. Neste sentido, o trágico remete ao momento lógico fundador da subjetividade, ao envolvimento do somático pelo narrativo. Levando este raciocínio adiante, propomos que, uma vez que as *pre disposições* têm a ver com a historicização de um corpo na linguagem e, também, que estas predisposições podem adquirir um tom maquínico, então o conceito de *pulsão* adquire lugar central aqui. Em outras palavras, agora podemos afirmar que o *pulsional* é trágico.

Em tempos em que o algoritmo opera na direção da homogeneização das narrativas, parece se fazer ainda mais premente que a psicanálise se ocupe com o resguardo do trágico singular, da tragédia individual que é tecida pelos encontros e desencontros de cada um com as palavras de seus mortos. Do contrário, seremos espectadores de indivíduos cada vez mais alienados aos imperativos do algoritmo acéfalo e a-histórico que padroniza os ideais e o desejo. Neste cenário em que o trágico é *algorítmico*, e não narrativo, o resgate da história singular é uma espécie de antídoto.

Afinal, uma outra forma de pensar a pré-história de alguém é não somente como uma máquina, mas também como um tesouro que pode ser procurado sempre que um ponto de não saber surja no mundo, sempre que ocorra um ato cujos efeitos são diferentes daqueles intencionados. É neste sentido que todo *ato falho* é, na verdade, um ato que se liga a um passado esquecido ou, nos termos de Freud, recalcado – mas um passado que retorna pela via inconsciente justamente porque ainda não encerrado, porque ainda potente. O recalque mantém uma representação, uma narrativa antiga, operante justamente ao impedir que esta entre na consciência – mantém o funcionamento autômato da máquina, por assim dizer. Pensar-se *desde dentro* de sua história é um modo de relacionar-se com o passado de modo subjetivo, reflexivamente, diacronicamente, pois implica responsabilizar-se criticamente por atos que pareçam *estrangeiros*. Responsabilizar-se por este eco do passado é um modo de *elaborá-lo*, ou seja, de dar a ele um novo sentido que não o da repetição sintomática. É uma forma de dar um lampejo de vida à máquina que nos habita.

Daí se pode depreender que, apesar de haver realmente uma dimensão humana que está entregue ao maquínico, dimensão esta que se expressa muitas vezes como *repetição*, há também a aposta de que não nos reduzimos ao funcionamento acéfalo de um aparelho que ditaria os rumos de nossas vidas. Por outro lado, seria ingênuo, e mesmo contrário ao que escutamos na clínica, imaginarmos um indivíduo plenamente senhor de seus atos e não condicionado pelo inconsciente.

Freud foi um pensador de fronteira justamente por estar ele próprio habitado por esta tensão entre a fantasia do homem-máquina, típica da herança moderna, e pela suposição de que podemos nos tornar minimamente autores de nossa própria alienação autônoma. Com um pé nos paradigmas positivistas clássicos e outro na expressão criativa da palavra, reproduz em seu próprio percurso teórico os dilemas de um sujeito dividido, cindido, ferido narcisicamente.

EM PAUTA

Talvez Freud não ficasse tão aterrorizado, como muitos psicanalistas contemporâneos, com o surgimento das inteligências artificiais generativas ou com a automatização dos processos produtivos. É mais fácil imaginá-lo preocupado menos com a suposta inteligência das máquinas, e mais com as terapêuticas contemporâneas que, ao supor o psiquismo como uma espécie de computador, acabam por ser cúmplices da mecanização da vida e do próprio pensamento.

REFERÊNCIAS

- BOCCA, Francisco Verardi. Freud, materialista mecanicista às últimas consequências. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 23, n. 2, p. 372-395, jun. 2020.
- DICK, Philip K. *Blade Runner*. São Paulo: Aleph, 2023.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.
- FREUD, Sigmund. Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas [1916]. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVI)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 419-439.
- FREUD, Sigmund. Conferência 35 – Acerca de uma visão de mundo. In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 321.
- FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.
- MASSON, Jeffrey Moussaieff (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- PIGLIA, Ricardo. Os sujeitos trágicos (literatura e psicanálise). In: PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ZIZEK, Slavoj. *How to read Lacan*. New York: W.W. Norton & Company, 2006.